

NEGÓCIOS. Juceal revela que 997 microempresas individuais fecharam antes de completar um ano

Extinção de MEIs avança 24% este ano em Alagoas

De janeiro a outubro, foram encerrados 4,73 mil negócios

THIAGO TARELLI *
ESTAGIÁRIO

Empreender é a saída de muitos alagoanos diante da recessão econômica e instabilidade política que enfrenta o País. Porém, muitos que montaram seu próprio negócio, seja diante do desemprego já gerado pela recessão ou pela necessidade em expandir a renda, estão enfrentando dificuldades em manter o empreendimento

funcionando e gerando lucro.

Um levantamento feito pela **Gazeta** revela que o número de microempresas individuais – as chamadas MEI – encerradas de janeiro a outubro deste ano chegou a 4.736 negócios, volume 24% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado, quando foram fechadas 3.827 microempresas individuais.

Segundo dados da Junta Comercial do Estado de Alagoas (Juceal), das 12.220 microempresas individuais registradas este ano, 997 encerraram as atividades antes de completar um ano. Este número

é 18% maior do que o registrado no ano passado, quando 845 MEIs foram extintas antes de um ano de vida.

A intensidade da crise econômica para os microempreendedores alagoanos também é registrada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há uma semana.

De acordo com os dados da Pnad, o número de pessoas que trabalhava por conta própria em Alagoas – seja registrado como MEI's ou não – caiu de 336 mil para 317 mil, na passagem do segundo pa-



FELIPE BRASIL

Número de MEIs encerradas de janeiro a outubro deste ano chegou a 4.736 negócios, volume 24% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado

ra o terceiro trimestre deste ano. Uma retração 5,7% – o equivalente a 19 mil microempresas individuais extintas no ano.

A pesquisa do IBGE também revela uma retração no rendimento médio dos microempreendedores individuais alagoanos. Segundo os dados, a renda média habitual desse segmento no terceiro trimestre deste ano foi de R\$ 851, uma retração de

3,4% em relação ao trimestre anterior, quando os rendimentos médios eram de R\$ 880. Quando comparado com o mesmo período do ano passado, cuja renda média era de R\$ 962, a retração é ainda maior: 11,5%.

FACILIDADE

O presidente da Juceal, Carlos Araújo, explica que a crise tem relação direta com o abre e fecha

das microempresas individuais. Porém, a facilidade nos processos de abertura deste tipo de negócio também justificaria o alto número.

“Acredito que os empresários estão cada vez mais atentos ao momento atual, e se as coisas não estão dando certo, fecham logo o negócio. Às vezes ele pode ter criado uma expectativa do negócio e esta não foi atingida”, explica.

‘Segunda crise’ reflete a conjuntura econômica, ressalta economista

O presidente da Juceal acredita que o número de fechamento de microempresas individuais em Alagoas nem sempre representa uma situação ruim do mercado. Para ele, pode indicar uma maturidade maior por parte dos empresários. “Pode até funcionar como uma parada para respirar, eu diria. Com a facilidade para fechar o MEI, o empresário não precisa ficar acumulando dívidas, tentando reerguer o negócio; pode parar, respirar, e assim que a situação melhorar, ele pode retornar com o mesmo ramo ou em outra atividade”, argumenta.

O economista e professor da Universidade Federal de Alagoas, Cícero Péricles, explica que o fechamento de MEIs acontece por mais de uma razão e apresenta particularidades conhecidas, como o pouco domínio da atividade empresarial, já que muitos estão estrando como donos

;
Mercado
O presidente da Juceal acredita que o número de fechamento de microempresas individuais em Alagoas nem sempre representa uma situação ruim do mercado

do próprio negócio.

“A ‘segunda crise’ reflete a conjuntura econômica recessiva dos dois últimos anos. Muitos desses empreendedores são derrotados pela concorrência, em alguns setores, como comércio e serviços, sobrecarregados de empresas com mais capacidade competitiva. Na maior parte das vezes a empresa fecha pela má escolha do local de atuação, pela indefinição de mercado consumidor, pela qualidade do produto ou serviço ofertado, pelo desconhecimen-

to dos mecanismos contábeis, quando confunde as contas pessoais com as da empresa; e muitos outros motivos que estão relacionados direta ou indiretamente com o momento de crise que atravessamos”, explica Cícero.

O número de empresas que foram abertas nos dois últimos anos também reflete a influência da crise para o setor. No ano passado, 13.231 microempreendedores individuais foram formalizados. Já em 2016, este número caiu para 12.220.

A microempreendedora alagoana Célia Regina Silva é um dos microempreendedores que viu de perto os efeitos da recessão econômica. Dona de uma loja de confecção localizada no bairro da Pajuçara, a empresária viu seu volume de venda reduzir em torno de 70% somente neste mês de novembro. **TT** **Leia mais na página A14**

* Sob supervisão da editoria de Economia.



FELIPE BRASIL

A microempreendedora alagoana Célia Regina Silva viu seu volume de venda reduzir em torno de 70% somente neste mês de novembro